

Mario Martone,
uma voz autoral da
pátria de Fellini



PÁGINA 3

Marya Bravo
faz as pazes
com a canção



PÁGINA X

Detetive felino
Blacksad é febre
no Velho Mundo



PÁGINA 7

2º CADERNO

Olhos atentos para Jafar Panahi



Jafar Panahi com a Palma de Ouro em conferência de imprensa no encerramento do Festival de Cannes

Victor Boyko/Festival de Cannes

O ganhador da Palma de Ouro de 2025 não deixou o Irã nada feliz com sua vitória, mas gera uma corrida por seus filmes, consolidando a liberdade como objeto estético

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ao entrar para o seletíssimo rol dos ganhadores da Palma de Ouro de Cannes, num time que, nos últimos

dez anos, incluiu Jacques Audiard, Ruben Östlund, Hirokazu Koreeda, Bong Joon Ho, Julia Ducournau, Justine Triet e Sean Baker, o iraniano Jafar Panahi reconheceu em Cannes o quanto o risco à sua segurança aumentou. Seu país natal há tempos é azedo em relação aos filmes que ele faz desde “O Ba-

lão Branco” (ganhador da Câmara d’Or na Croisette em 1995).

O azedume é tanto que os líderes de sua nação já enfiaram o diretor de 64 anos na prisão duas vezes (em 2010 e 2022) e tratam sua obra como um atentado à dignidade do Irã. De lá não se ouviu comemoração oficial no último sábado, quando ele conquistou o prêmio máximo do Festival de Cannes por “Un Simple Accident”.

O fato de se tratar de uma história de vingança de um torturado contra o agente de estado que o vitimizou complicou ainda mais as chances de o governo de sua pátria festejar a consagração de um reali-

zador que, há três décadas, segue a pavimentar um legado autoral no qual poesia e indignação caminham juntos, numa linha (por vezes) tênue entre ficção, etnografia, documentário e semiótica. Quando capturado, Panahi fez greve de fome e mobilizou a Anistia Internacional.

Se em seu lar sua situação não é das mais confortáveis, planisfério cinéfilo adentro ele é objeto de adoração, a julgar a atual corrida (no streaming) pela produção cinematográfica dele. No Brasil, as plataformas Reserva Imovision, Telecine e Prime Video são o caminho para encontrar seus trabalhos, entre os quais “Táxi Teerã”, pelo qual ele

recebeu o Urso de Ouro da Berli-nale, há dez anos.

“Para um cineasta, cada prêmio é um prazer e foi necessário muito trabalho para ganhar este troféu”, disse Panahi em Cannes, com a Palma nas mãos. “Em um determinado momento, eu tinha muitas imagens diferentes passando pela minha cabeça. Estava pensando em todos os rostos dos meus amigos que estavam na prisão comigo. Naquela época, nós estávamos na cadeia, mas o povo iraniano estava nas ruas lutando pela liberdade. Naquele momento, eu disse a mim mesmo que estava feliz por eles”.

Continua na página seguinte

Divulgação



'3 Faces' foi premiado em Cannes por seu roteiro em 2018

Divulgação



O sucesso mais recente de Panahi era 'Sem Ursos', laureado em Veneza em 2022

Atmosfera de thriller à moda de Costa-Gravas



Seu eletrizante “Un Simple Accident” parece thriller. Enerva como um. Remete ao Costa-Gavras de “Estado de Sítio” (1972) ou de “A Confissão” (1970) por dialogar com a cartilha do thriller político.

No arranque do longa-metragem, Panahi segue num carro onde um casal tenta conter uma menininha em plena euforia, com seu boneco de pelúcia preferido. Uma colisão trava o veículo. A pequena tem medo do que se passa, mas o pai a acolhe, ainda que com severidade. Nesse início tenso, ocorre o tal “simples acidente” do título, que deflagra uma cruzada de revanche sem medo de exposições gráficas da violência. Aparentemente, abateu-se um cão. O pai entra num galpão para pedir ajuda e alerta um operário, que parece



'Un Simple Accident' foi baseado em histórias vividas pelo realizador Jafar Panahi e por outras vítimas da perseguição promovida pelo regime fundamentalista iraniano

reconhecer o som característico do seu andar manco, fruto de uma prótese na perna. No dia seguinte, o trabalhador bate na cabeça desse homem com uma pá antes de colocá-lo na parte de trás de sua van, que se torna tanto a força motriz quanto a principal locação desse filme filmado num regime próximo à clandestinidade.

“Eu aprendi com ‘Táxi Teerã’ a filmar em veículos em movimen-

to. Num carro, você se sente em segurança”, disse Panahi em Cannes, entrando em detalhes de uma de suas detenções. “Eu fui vendado e levado para uma cela tão pequena que eu mal podia me mexer. Lá eu colhi histórias que compõem o roteiro desse meu novo filme”.

Em “Un Simple Accident”, o sujeito capturado é um agente do governo que torturou pessoas em nome dos seus líderes. Sua

captura é uma educação política na qual seus captores também são educados, sob a cartilha da empatia. Numa sequência emocionante, o tal operário precisa ajudar uma mulher grávida e amparar a menininha filha de seu algoz de outrora.

“Muita gente me pergunta por que eu não desisto do cinema, mas não sei fazer outra coisa que não filmar. E me entrego ao projeto ci-

nematográfico sem pensar em dinheiro. Tanto é que começo cada longa com recursos do meu bolso”, disse Panahi, que rodou “Un Simple Accident” em regime de semi-clandestinidade.

Na prisão, Panahi criou uma estética semiológica, capaz de filmar de dentro de seu cárcere domiciliar (ao lado de seu lagarto de estimação) ou do volante de um automóvel. Laureado com o Leão de Ouro de Veneza com “O Círculo”, há 25 anos, o realizador concorreu à Palma dourada de Cannes antes com “3 Faces”, que lhe rendeu a láurea de Melhor Roteiro em 2018. Há como ver essa joia no Arte 1 Premium ou na Amazon.

Ainda em Cannes, em 2011, quando ainda estava sob detenção, o diretor conquistou o troféu Honorário da Quinzena, a Carroça de Ouro, em 2011. Antes, em 2003, recebeu o Prêmio do Juri cannoise da mostra Un Certain Regard por “Ouro Carmin”. Seu sucesso mais recente, “Sem Ursos”, foi laureado com o Prêmio do Júri de Veneza, em 2022. Há como encontrá-lo no streaming da Imovision.

Martone sai de Cannes deixando 'Nostalgia'

Divulgação



Valeria Golino em 'Fuori', de Mario Martone, foi um dos títulos indicados à Palma de Ouro na edição 2025 do festival francês

Representante da tradição autoral da pátria de Fellini, o cineasta concorreu na Croisette com 'Fuori' e atraiu olhares para o drama de máfia que rodou com Pierfrancesco Favino

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com a entrada de "Três Homens Em Conflito" (1966) na MUBI, o cinema italiano festeja, via streaming, uma tradição de narrativas de gênero histórica, que levou a Cannes este ano com "Fuori", drama estrelado por Valeria Golino que concorreu à Palma de Ouro celebrando o filão dos filmes de prisão. É um trabalho maduro do diretor Mario Martone, que revisita feitos da escritora Goliarda Sapienza, detida em decorrência de um delito nunca devidamente comprovado. Após sua libertação, a amizade entre ela e as outras detentas continuou, o que causou desentendimentos nos círculos intelectuais em que frequentava.

A chegada da projeção desse filme faz com que o planisfério cinéfilo redescubra o que Martone fez de mais potente. No caso, o tocante "Nostalgia", revelado em solo cannoise em 2022, é o que mais (e melhor) abre caminhos para que ele amplie sua visibilidade. Na Côte d'Azur, a Fnac dá uma forcinha a ele, ao colocar essa fita em destaque entre suas atrações de maior relevo na seção de DVDs e de Blu-Ray. Em Roma, discute-se a relevância de sua filmografia como um novo farol para aquele país nas telonas.

Há tempos, desde "A Grande Beleza" (2013), de Paolo Sorrentino, uma produção da pátria de Federico Fellini não mexia tanto com os corações de cinéfilos e não movia tanto as bolsas de aposta de Cannes como "Fuori" faz agora. Coroado há 30 anos com o Prêmio Especial do Júri de

Veneza, por "Morte di un Matematico Napoletano" (1992), Martone concorreu em Cannes, em 1995, com "L'Amore Molesto", e lá voltou, via Un Certain Regard, em 1998, com "Teatro di Guerra".

Nada do que fez nos anos 1990 ou nas duas últimas décadas se compara ao que ele entrega no drama com elementos de thriller de máfia "Nostalgia", exibido pela primeira vez na competição pela Palma de Ouro, há três anos. É um filme que teve, na Croisette, um efeito de "descoberta", embora o mais correto, diante do currículo do realizador, seria falar em "redescoberta", em "reinvenção", seja dele mesmo, seja a dos códigos cinematográficos de sua pátria. Pátria que nos deu gigantes: Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller,

Valerio Zurlini. Pátria que mingou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem.

Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firmes, como o finado Bernardo Bertolucci, que foi fazer uma incursão pelo Oriente e filmar em outras línguas; e o até hoje imparável Marco Bellocchio ("Vincere"). Mas esses dois são crias dos anos 1960. Martone, não. Ele é um moderno tardio, que não se fez na liquidez da pós-modernidade. Mas ele teve a sagacidade de entender parte das chagas desse nosso tempo, como é o caso da gentrificação; do emasculamento; do sucateamento da honra; da destruição dos signos de fé, por apostasia ou por banalização. E esse sa-gaz olhar rendeu a Cannes um presente em forma de 1h57 de filme, universalíssimo.

Ferramenta

Pierfrancesco Favino – que filmou "O Traidor" de Bellocchio no RJ – é o aríete com o qual Martone avança rumo à consagração, com seus ângulos de câmera vívidos e inquietos, a explorar a profundidade de campo da Nápoles para onde seu protagonista regressa. Favino esteve na abertura da Quinzena de Cineastas com "Enzo", de Robin Campillo.

Ele tem 95% de "Nostalgia" pra si. Os 5% que sobram se dividem entre o padre Rega (Francesco di Leva) e o bandido Oreste (Tommaso Ragno, um sócia do brilhante Roney Villela). Este foi o maior amigo que Felice, construtor e dono de empreiteira no Egito, vivido por Pierfrancesco, teve em seus anos de formação.

No início do longa, Felice regressa à sua cidade natal par cuidar da mãe doente. É um terço de arrancada doce, onde a câmera do fotógrafo Paolo Carneva gira em espasmos, caçando um quadro que fuja da obviedade. Caça, caça... e consegue. Sempre. Passada essa introdução com ares melodramáticos, de mamãe e filho, uma pergunta feita por Felice muda as rédeas da narrativa: "Onde está Oreste?". No passado, os dois eram unha e carne, até um crime mudar tudo.

Ao tentar entender o que foi feito daquele amor de ontem, amor de bromance, de pura amizade, Felice começa a se (re)encaixar numa paisagem que abandonou há 40 anos. Mas nem sempre a paisagem nos quer de volta. O saldo é a ressaca. Mas nem toda ressaca é só de álcool, ou só de sal. Eis o que Martone nos mostra, num longa devastador. "Fuori" foi pelo mesmo caminho, com Golino em estado de graça.

Leo Aversa/Divulgação



Divulgação



Nobru, Marya Bravo e Dony Von formam o trio criativo que idealizou a concepção de 'Eterno Talvez'

Entre ruídos e delicadezas

Marya Bravo lança "Eterno Talvez", disco de retorno após uma década longe dos estúdios, misturando trip hop, jazz e confissões íntimas em show nesta quarta no Audio Rebel.

Por Affonso Nunes

Marya Bravo retorna à cena musical com "Eterno Talvez", álbum que marca seu reencontro com a música após mais de uma década longe dos estúdios e palcos. O lançamento oficial acontece nesta quarta-feira (28) em show no Audio Rebel, em Botafogo. O novo trabalho da artista se revela denso e delicado, alternando atmosferas sonoras. Ritmos como trip hop, jazz, cabaré e música eletrônica se entrelaçam num diálogo provocador.

Filha dos músicos Zé Rodrix (1947-2009) e Lizzie Bravo (1951-2021), Marya construiu sua trajetória artística entre o teatro e a música, ainda que, nos últimos anos, tivesse decidido se afastar da carreira musical para seguir outras atividades. Essa decisão, porém, foi abalada por um convite inesperado para integrar o musical "Clube da Esquina – Sonhos Não Envelhecem", dirigido por Dênis Carvalho com direção musical de Kassin. A produção não só a levou de volta ao convívio com a música, mas também despertou memórias afetivas profundas, já que Milton Nascimento, padrinho de casamento de seus

pais, esteve ligado ao espetáculo. Essa vivência reacendeu uma paixão quase esquecida, reabrindo portas para um caminho que Marya julgava ter deixado para trás.

O processo de criação de "Eterno Talvez" começou há dois anos enquanto Marya dividia seu tempo entre a temporada do musical em São Paulo e as sessões no estúdio Graveá, no Rio, sob a produção de Nobru, parceiro musical e figura central em seus três discos anteriores. O estúdio, do qual Marya tornou-se sócia, foi palco das experimentações e da união criativa entre Marya, Nobru e Dony Von, músico que veio a se tornar peça funda-

mental nesse novo capítulo da cantora. Conhecido da cena independente carioca e integrante do Muzgo, ele colaborou ativamente no desenvolvimento das canções, ajudando a definir uma estética sonora que mistura influências variadas.

A metáfora das "duas esquinas", usada por Nobru para explicar a proposta do disco, resume bem a mistura inusitada que permeia o trabalho: "numa esquina, uma banda de hardcore e punk rock; na outra, uma cantora acompanhada por piano". Essa colisão estética, mais conceitual que sonora, deu origem a um álbum onde guitarras distorcidas e beats eletrônicos se equilibram com piano, violão e cordas, dando ao disco um caráter experimental, mas acessível. Na busca por ampliar a paleta sonora, a equipe incorporou ao estúdio instrumentos pouco familiares, como violino e violoncelo, com os quais tiveram experiências distintas — especialmente com o violoncelo, gravado aos pedaços.

Influenciado por nomes como Portishead, Björk e o trio Metá Metá, "Eterno Talvez" propõe uma sonoridade que oscila entre a densidade e a suavidade, sem jamais se perder naquilo que o trip hop sabe fazer de melhor: manter a tensão emocional em equilíbrio delicado. O disco evita a agressividade do punk, mais presente como uma pressão estética do que como ruído, e mergulha nas atmosferas do jazz dos anos 40, da música eletrônica downtempo e do hip hop instrumental, em arranjos que combinam a crueza com o refinamento.

As letras de Marya refletem a complexidade dos relacionamentos, as crises existenciais e o desconforto de um tempo incerto. O que aparenta ser uma narrativa pessoal tem aderência e soa abrangente.

A parceria com Nobru, que já vinha dos trabalhos anteriores, se fortaleceu nessa nova fase. Ele não é apenas produtor, mas uma figura familiar para Marya — já foi casado com sua irmã e sempre esteve presente como amigo e colaborador próximo. A entrada de Dony Von completou o trio criativo, ampliando as possibilidades do projeto.

Com "Eterno Talvez", Marya Bravo recupera o frescor da descoberta musical, algo que serve de combustível para a caminhada.

SERVIÇO

MARYA BRAVO - ETERNO TALVEZ
Audio Rebel (Rua Rua Visconde Silva, 55 - Botafogo) | 28/5, às 20h
Ingressos: R\$ 25

Brasilidade com improvisos de **inspiração hermetiana**

Uly Nogueira/Divulgação

Carol Panesi e Fábio Leal lançam EP autoral do Duo Repicado, trabalho que celebra a diversidade rítmica do país com criatividade

Por Affonso Nunes

Com uma sonoridade que une a espontaneidade do improviso à riqueza rítmica da música brasileira, o Duo Repicado lança seu primeiro EP nas plataformas digitais. Formado pela violinista e multi-instrumentista Carol Panesi e pelo guitarrista Fábio Leal, o projeto propõe uma escuta vibrante e criativa, resultado da fusão entre pesquisa musical profunda e liberdade interpretativa. O trabalho chega ao público nesta sexta-feira (30).

O duo nasceu em 2024 e rapidamente encontrou seu caminho nos palcos e salas de



Carol Panesi e Fábio, do Duo Repicado, lançam o EP homônimo, um exercício de liberdade musical

aula da América Latina. A primeira turnê, viabilizada por editais do Ibermúsicas e da Funarte, levou Carol e Fábio a cidades como Córdoba (Argentina), Lima, Arequipa e Cusco (Peru), onde além de se apresentarem, ministraram workshops e aulas. Essa vivência, aliando performance e troca cultural, foi

determinante para a consolidação da identidade musical do Duo Repicado.

O EP de estreia apresenta três temas autorais — “Sol da Castanha”, de Carol Panesi, “Repicado do Norte” e “Zélig”, ambas de Fábio Leal — e funciona como uma síntese da trajetória do duo. A música flui com liberda-

de e intensidade, atravessando gêneros como choro, jongo, carimbó, forró e maracatu, sem perder a unidade estética que valoriza o instante, traços herdados da escola de Hermeto Pascoal, referência comum a ambos os músicos.

A carioca Carol Panesi construiu uma sólida carreira na música instrumental. Vencedora de prêmios como o Toca Compositoras, o Profissionais da Música e o Mimo Instrumental, ela se formou na escola de música universal do mestre Itiberê Zwarg, um dos músicos mais ligados a Hermeto, com quem tocou durante mais de uma década. Lançou cinco discos autorais, entre eles “Primeiras Impressões”, “Em Expansão” e o recente “Natureza é Casa”, além de parcerias como o EP gravado com a Eleva Big Band e o duo “Arte é Oração”, justamente com Fábio Leal.

Já o paulista Fábio Leal desenvolveu sua linguagem a partir do jazz e da música brasileira. Fundador do grupo Mente Clara, é reconhecido pelas composições de forte apelo rítmico e harmônico. Em 2018, gravou com Hermeto Pascoal o disco “Hermeto Pascoal & Big Band”, vencedor do Grammy Latino.

O EP é um exercício de escuta mútua, invenção e entrega, atributos caros a quem faz da música uma legítima profissão de fé.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Explorando o desejo

Bruno Gadiol lança o single “Na Minha Mente” e videoclipe coreografado, parte do álbum “Gêmeos em Gêmeos”. A faixa, com flertes de afrobeat e atmosfera sensual, explora um desejo que vive apenas no pensamento, uma paixão irrealizada. O artista descreve a música como algo que “despertam vontade de dançar e explorar esse lado mais sensual”. O clipe, dirigido por Bruno e Luke Vidal, usa coreografia intensa entre Bruno e dois dançarinos para representar essa fantasia, transformando o imaginário em arte provocativa.

Sérgio Santoian/Divulgação

Gabriel Brasil/Divulgação



Sambas urbanos

Sambista urbano, Zuzã lança nesta sexta-feira (30) o álbum “Quem Tá é Noix”, com dez faixas que abordam superação, amor, fé e persistência. O disco, produzido por **DJ Hyago, mistura samba com elementos urbanos (funk, trap, reggae) e narra a trajetória de vida do artista. Lançado previamente como single, a faixa título ultrapassou a marca de 1 milhão de streams. O álbum conta com participações especiais escolhidas a dedo pelo artista. “Sai de casa aos 17 anos e tive que me virar sozinho. Foi a música que me deu moradia e colocou comida na mesa”, conta.

Sarah Aguiar/Divulgação



Coração inquieto

Depois de “Quando Eu Era Bem Pequena”, a cantora e compositora Marcela Brandão lança novo single nesta sexta-feira (30). Com produção musical assinada por Luã Yvys, “Mato Grosso” aborda a identidade artística e pessoal de Marcela, utilizando metáforas para exaltar sua relação com o Brasil profundo. Um visualizer acompanha o lançamento no YouTube. “Eu me vejo inteira no caos dessa música. Um pouco bicho do mato, um pouco bicho solto, com coração inquieto e cabeça indomável. Mas também com um corpo que pede calma e sossego. Essa música sou eu”, afirma.



Verdades que não cabem nos livros

Monólogo com Samuel de Assis revisita a história do Brasil sob a ótica da população negra e confronta privilégios da branquitude

Com sessões gratuitas nesta quarta e quinta-feiras (28 e 29) o monólogo “E Vocês, Quem São?” será apresentado na Biblioteca Parque Estadual como parte da programação do projeto Parque de Ideias. Estrelado por Samuel de Assis e escrito por Jonathan Raymundo, o espetáculo é um grito de liberdade das populações negras, que questiona o lugar central ocupado pela branquitude em uma sociedade marcada por desigualdade histórica e estrutural.

A peça, definida por Assis como “forte, reflexiva e agressiva, para reverberar na cabeça de todos”, surgiu de uma inquietação pessoal. “Pedi um texto ao Jonathan e ele me mandou a primeira versão em três horas. Acho que tudo já estava na cabeça dele e ele derramou o texto na tela”, conta o ator que, a partir dessa base visceral, fez um trabalho de dramaturgismo para organizar o discurso em forma narrativa. “Como eu não sabia se isso ia dar certo, fiquei receoso de chamar alguém para dirigir. Por isso, todo o processo de ensaio fiz em frente ao espelho”, completa.

No solo, o ator ocupa o palco com um discurso incisivo e emocional, conduzindo o público por uma narrativa que reavalia os rumos da história brasileira, cos-

turando episódios apagados ou deturpados pela versão oficial com temas como raça, gênero, classe, desigualdade e violência.

O espetáculo parte de perguntas fundamentais — “Quem tem lugar de fala?”, “Quem detém o direito de construir a narrativa verdadeira sobre a realidade?”, “Qual é o valor da vida?” — para apontar o silenciamento histórico do povo preto e questionar os privilégios da branquitude.

“É um relato do que precisamos, infelizmente, mais do que nunca, falar. É um desabafo de dor, desespero, de basta e de liberdade. É um questionamento para aqueles que nunca foram questionados: os brancos! Nós, negros, ainda precisamos gritar pra eles: E vocês, quem são? O que merecem? Eu espero que a peça faça com que eles comecem a se perguntar!”, declara Assis.

A crítica à invisibilização dos negros não se limita aos episódios históricos. A dramaturgia também reserva espaço para refletir sobre como até mesmo os grandes nomes negros são reinterpretados sob a ótica da branquitude. Um dos exemplos mais contundentes é o de Machado de Assis, que, apesar de ter sido um dos maiores autores da literatura brasileira e um homem negro, foi embranquecido por décadas nos registros



Samuel de Assis assina direção e atuação no monólogo escrito por Jonathan Raymundo

SERVIÇO

E VOCÊS, QUEM SÃO?

Biblioteca Parque Estadual (Av. Presidente Vargas, 1.261 – Centro)
28 e 29/5, às 18h
Entrada franca, mediante retirada no site <https://parquedeideias.com/>

oficiais, tanto em imagens quanto em interpretações críticas. A peça discute esse processo como parte de um sistema que reescreve a história para suavizar sua violência e preservar estruturas de poder.

Ao dar corpo e voz a essa de-

núncia, “E vocês, quem são?” se apresenta não apenas como um espetáculo teatral, mas como um manifesto. A proposta é provocar desconforto, escancarar a urgência do debate e, sobretudo, afirmar o direito da população negra de

contar sua própria história. A obra é dirigida diretamente ao público branco, como uma convocação à escuta ativa e à revisão de privilégios que, por muito tempo, passaram despercebidos — ou sequer foram nomeados como privilégios.

Blacksad voa nos balõezinhos do noir



Criado há 25 anos, John Blacksad, o detetive felino, é sucesso editorial no Velho Mundo

Elogiadas pelo ‘Le Monde’, as aventuras de um detetive felino se consagram como best-seller no mercado editorial europeu de quadrinhos

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dá mole pra Blacksad pra ver o que te acontece. Uma legião de quadrinhófilos foi dar bofeira pro detetive de feições felinas 25 anos atrás, caiu em suas garras e nunca mais saiu delas, criando um fenômeno editorial no Velho Mundo. Não por acaso, novas edições de suas aven-

turas, com capas novas, chegam às livrarias para agitar o comércio de HQs, ou melhor, de BDs.

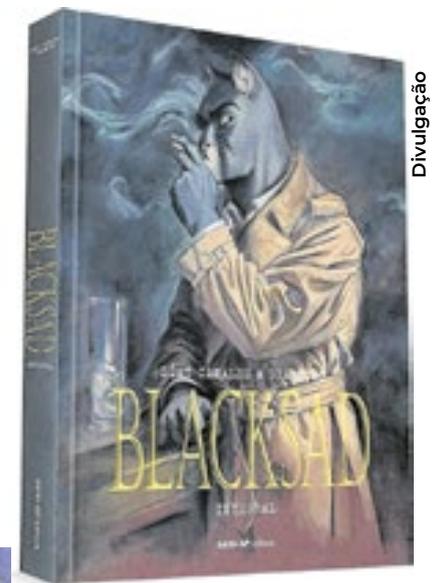
BD, ou banda desenhada, é o nome que se usa na Europa para definir álbuns gráficos. São edições de luxo, encapados com papel mais duro, que optam por narrativas de gênero (fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) mas trilham caminhos que fogem do maniqueísmo. Nos EUA, quem dá as cartas nesse mercado é

a Marvel e a DC, mas, na França, quem gira a roda são tramas adultas, calcadas em temas políticos, que dissecam mitos e biografam artistas. Foi nesse meio que surgiu o investigador John Blacksad, uma mistura de Humphrey Bogart com Denzel Washington (em “O Diabo Veste Azul”), só que de traços animais, de gato.

Ele defende a lei numa América onde todos são bichos. Crocodilos de presas afiadas podem ser garçons de coração mole enquanto albatrozes de bico fino podem representar gângsteres implacáveis no mundo antropomórfico criado há um quarto de século pelos espanhóis Juan Díaz Canales (roteirista) e Juanjo Guarnido (desenhista). Em solo francês, terra de Astérix, uma das últimas HQs do personagem,

“Alors, tout tombe”, foi elogiada pelo “Le Monde” e faz a alegria dos livreiros e donos de giberias de Paris. Numa visita a uma das mais célebres lojas do setor em solo europeu, a Librairie Les Super Héros, nos arredores de Beaubourg, a primeira sugestão da atendente foi: “O novo Blacksad é um dos nossos títulos mais vendidos. Vai gostar”.

Lançado no Brasil em 2017, pela Editora SESI-SP, “Algum Lugar Em Meio Às Sombras” é a trama que inaugurou a saga de Blacksad, em 2000, quando o anti-herói fez barulho entre os quadrinhófilos parisiense. Não demorou para que virasse grife comercial, inspirado a criação de estátuas, canecas, cartazes e toda a sorte de quinquilharias com o rosto do herói. “Alors, tout tombe” é sua sétima BD e periga ser

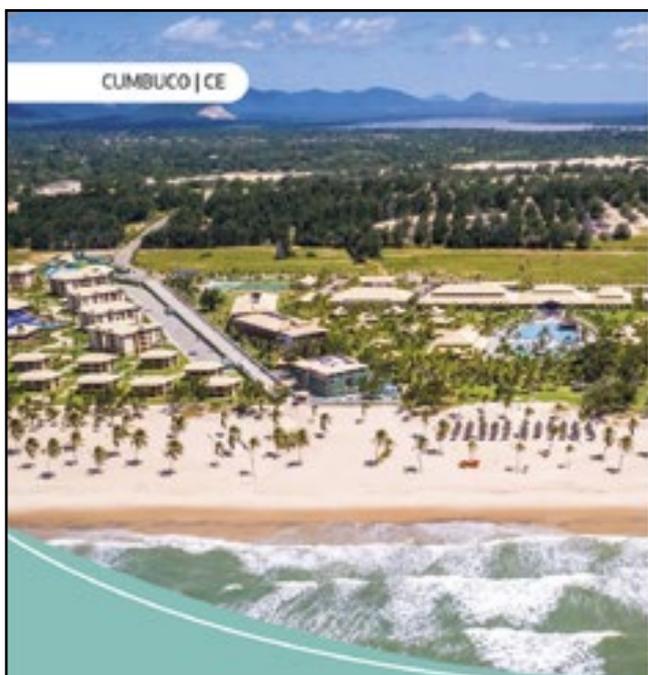


Divulgação

“O” sucesso de vendas deste ano. Na lista dos mais procurados da FNAC, uma das mais concorridas livrarias do planeta, o volume nº 7 das histórias de Díaz Canales e Guarnido dispara rumo ao pódio, encostando em fenômenos como “Astérix et le Griffon”; de “Spirou – L’Espoir Malgré Tout”; e do cult “Le Monde Sans Fin”, de Jean-Marc Jancovici e Christoph Blain.

É difícil não pensar no filme “O Irlandês” (2019), de Martin Scorsese”, lendo “Alors, tout tombe”. Na trama, Blacksad é encarregado de proteger o presidente de um sindicato ligado à máfia de Nova York, em meio à construção do metrô. O ambicioso Salomão, um mestre de obras, é a chave para que o gato de musculatura GG descenda a corrupção americana, esbarrando com uma trupe de artistas de teatro num enredo com toques de “Hamlet”.

Uma outra BD na linha noir com destaque hoje na Europa é “Mexicana”. Digna de um bom filme dos irmãos Coen, à la “Onde os Fracos Não Têm Vez”, esta coletânea policial é assinada pelo roteirista do momento na França, Alexis “Matz” Nolent, em duo com Steven “Mars” Marten. Seu protagonista é Emmet Gardner, um guarda de fronteira que trabalha ao largo do Rio Grande, nos EUA, e vê sua vida desmoronar ao descobrir a conexão de seu próprio filho, Kyle, com um cartel local. Pra livrar o rapaz do submundo, Emmet assume a tarefa de matar um criminoso, mas acaba alvejando alguém com quem não deveria mexer.



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

